



Estudo Nº 2, em 22 de novembro de 2015

ORAÇÃO E MEDITAÇÃO

Este material é dirigido às famílias da IBRVN, que poderão seguir o roteiro proposto, estudando e discutindo o conteúdo apresentado.

Ao longo do estudo, pode-se anotar dúvidas, fazer perguntas, e extrair algumas conclusões.

Tenha em mente também o encontro presencial, buscando contribuir de forma positiva com suas conclusões.

Roteiro:

Recomenda-se que façam a seguinte leitura de textos, em conjunto. Procure distribuir a leitura para cada membro e certifique-se de que houve um entendimento correto do texto.

1 – Textos recomendados:

Mateus 6:9-13
João 17
Efésios 1.15-23; 3:14-21
Efésios 6:18-19
Filipenses 1:9-11

2 – Assista ao vídeo de Franklin Ferreira, “Sete vezes no dia eu te louvo II”.

LINK:

http://www.cristao.tv/sete-vezes-no-dia-eu-te-louvo-ii-franklin-ferreira_53b695d6a.html.

3 – Leituras recomendadas:

1. Apostila do CTB Oração: Comunhão Pai e Filho
Tópicos:
 - a. O que é oração?
 - b. Por que orar?
 - c. Oração e igreja.
2. João Calvino; Institutas – Livro 3 – Cap. 20 – Seções 1-10.
3. TEO_007 - Catecismo de Heidelberg - Perguntas 116-129
4. TEO_004 - Referenciais Doutrinários - Padrões de Westminster - Perguntas 186-196 do Catecismo maior.

4- Leituras Adicionais (opcional):

1. João Calvino; O Livro de Ouro de Oração pg. 13-43.
2. Martinho Lutero; Como Orar (Monergismo.com)

5 – Texto sobre oração: Orar e meditar

Seria injusto dizer que a nossa vida de oração nem sempre tem sido vivenciada de modo tão intenso e empolgante como deveria? Por que isso ocorre? Se é tão bom estarmos perto das pessoas que amamos, quanto mais de nosso Deus? É pensando sobre isso que retomamos um velho caminho: a prática de orar a Palavra ou a oração meditativa. Nas Escrituras encontramos orientações importantes que devem guiar nossa prática devocional e que de modo geral nos ensinam que para se orar, e orar bem, devemos ter nossa vida e fé submetidas à autoridade absoluta da Palavra de Deus, descansando em suas verdades e expressando-as em oração.

Uma vida de oração saudável sempre gira em torno do eixo das Escrituras, pois toda a nossa comunicação e conhecimento de Deus devem estar amparados por aquilo que Ele é e revelou. Além disso, o Espírito Santo é o nosso estímulo à piedade, o qual, pela Palavra, molda os nossos pensamentos, sentimentos e expressões ao Senhor. Segundo Richard Baxter, “*quanto mais clara for a sua luz, mais ardente será o seu coração*”. E ainda: “*Primeiro, Cristo traz o coração da pessoa para o céu, e só depois a pessoa*”. Nesse caminho, o estudo sério das doutrinas bíblicas, as quais foram devidamente organizadas nos catecismos e confissões de fé, são essenciais e acompanham a boa oração.

No início do ano de 1535, Peter Beskendorf, um barbeiro e um outro velho amigo de Lutero, pediram-lhe alguns conselhos sobre a oração. Lutero respondeu com uma carta intitulada: *Como alguém deveria orar, para o senhor Peter, o barbeiro. /.../* As instruções de Lutero poderiam ser resumidas dessa forma: ore o catecismo.

O caminho da oração implica ser conformado pelo Senhor através de Sua Palavra. Um crente cheio do Espírito Santo é alguém que tem a boca cheia de Salmos (Ef 4.19). Quando o Espírito preenche os nossos pensamentos com as suas verdades, nossa vida é atravessada por afeições santas, a imagem de Cristo é formada em nós e nossas orações se tornam expressões de gratidão, prazer e alegria no Espírito. Para aguçar a sua percepção espiritual e expandir a sua mente com o Evangelho, muitos irmãos do passado tiveram o hábito de memorizar trechos ou mesmo livros inteiros das Escrituras. John Piper menciona que “*a memorização das Escrituras torna possível a meditação mesmo quando não estamos lendo a Bíblia, a meditação é o caminho da compreensão mais profunda*”. Além disso, as próprias Escrituras recomendam isso (Dt 11.18-20, Sl 1.2; 119.11).



IGREJA BATISTA REFORMADA VIDA NOVA
PROGRAMA PERMANENTE DE FORMAÇÃO DE DISCÍPULOS

As Escrituras são a revelação da aliança de Deus. Desse modo, nela, somos lembrados de nossa posição em Cristo mediante as suas promessas pactuais. A oração genuína é um privilégio dos que estão em aliança, que possuem uma relação pactual com Deus, e não uma relação qualquer, descomprometida ou casual. É pelo pacto que podemos orar, pois fomos cobertos com o sangue do Cordeiro, seu próprio Filho Amado, que se entregou pelos nossos pecados, assumindo a maldição e livrando-nos da culpa e condenação eternas. Nisso, nossa oração é feita em nome de Jesus, pois somente através dos méritos dele o povo do pacto tem acesso ao Pai, o qual nos concedeu a graça de nos aproximarmos do seu trono (Hb 4.16).

Se não conseguirmos orar, devemos mesmo assim abrir a Palavra, meditar nela, recitá-la, suplicando que o Espírito nos leve a experimentá-la. Devemos subordinar os nossos lábios e pensamentos ao Senhor, declarando suas verdades com expressões que reflitam o ensino claro das Escrituras. Tudo isso, porém, deve ser feito com temor para não incorrermos no erro dos fariseus que em suas vidas e orações negligenciaram o lugar da fé no coração (Lc 18:9-14; Jo 4:23,24).

Temos que tomar cuidado com o esmorecimento da fé, pois mesmo conhecendo a graça de Deus revelada, congregando numa igreja bíblica, participando dos cultos e esforçando-se por conhecer mais das Escrituras podemos ainda assim faltar com a oração. Nessas horas não devemos nos esquecer do caminho de renúncia. Ainda que orar seja um privilégio, nem sempre a dedicação de tempo em oração é tarefa fácil. Somos criaturas caídas cujo coração enganoso insiste em nos distrair com entretenimentos ou mesmo preocupações vãs que nos levam a negligenciar esse meio de graça. Soma-se a isso as exaustivas rotinas diárias (trabalho, estudos, etc), e a tarefa fica ainda mais difícil. Ademais, quando somos lembrados de que a nossa luta não é contra carne e sangue, mas espiritual, percebemos que a dimensão da oração é bem mais ampla e desafiadora (Ef 6:10-18). Não é à toa que a Bíblia nos apresenta o mandamento de orar sem cessar (Rm 12:12; Cl 4:2; I Ts 5:17), pois não seria uma ordem se não houvesse o perigo de sua negligência. A prática dos exercícios espirituais não deve ser esquecida, até porque a sua omissão é pecado. Se o Senhor nos manda orar, mas não oramos, pecamos desobedecendo ao mandamento de Deus (Lc 6:46; Jo 15:14). Calvino comenta que *“conhecer a Deus como o soberano senhor e dispensador de todo bem, que nos convida a que apresentemos nossas petições, e, ainda assim, não se aproximar ou pedir-lhe algo é o mesmo que se ouvíssemos falar que há para nós um tesouro disponível e o deixássemos enterrado”*. De fato, poderíamos apresentar diversas desculpas para desprezarmos a devoção cristã, mas essa rebelião precisa ser destruída com a doçura da Lei do Senhor (Sl 19.10).



A incerteza quanto aos caminhos que o Senhor em sua vontade secreta prepara para cada um, o impasse sobre se é para orar por livramento ou por forças para suportar, entre tantas outras situações, devem nos levar a derramarmos lágrimas profundas diante do Senhor, a fim de não arrefecermos ou sermos confundidos quando situações inesperadas se aproximarem, ou mesmo quando as orações não forem atendidas do modo como desejamos (Tg 5:13; II Co 12:7-10). Nesses momentos não podemos nos esquecer de que o “Espírito nos assiste em nossa fraqueza” por que “*não sabemos orar como convém*” (Rm 8:18). Nesses casos onde “o céu é de bronze” e as orações parecem “não passar do teto” é que precisamos ainda mais encher a nossa mente com a Palavra de Deus. Como dizia Lutero, “*ainda que sejam poucas as palavras que sejam muitos os pensamentos*”.

É verdade que nessas horas de “noite escura da alma” nem sempre conseguimos orar sozinhos. Às vezes o peregrino, embora saiba o que fazer e pra onde ir, nem sempre consegue seguir. É por isso que a Bíblia condena uma fé de “franco-atirador”, “solitária”, “individualista”. Deus formou uma igreja e por meio dela aprendemos não apenas a orar, mas também encontramos forças para orar. Se não consigo orar, o meu irmão ora comigo! Na oração comunitária ou congregacional nós oramos juntos. É mais fácil orar quando oramos uns pelos outros (Tg 5:16), tanto na igreja como no lar. Jonathan Edwards e sua esposa são um belo exemplo dessa prática: “*os historiadores destacam a grande harmonia, amor e companheirismo que caracterizou a vida do casal. Eles gostavam de andar a cavalo ao cair da tarde para poderem conversar e antes de se recolherem sempre tinham juntos os seus momentos devocionais*”.

Em *Meditações sobre a glória de Cristo*, John Owen escreveu:

Tenho de afirmar agora que, depois de toda a minha pesquisa e leitura, a *oração e a meditação assídua* têm sido meu único abrigo, bem como os meios mais proveitosos de obter entendimento e auxílio. Por meio delas, meus pensamentos foram libertados de muitos embaraços (*Works*, I, lxxxv).

Portanto, devemos lembrar que todas as nossas experiências com o Senhor precisam ser saturadas do pleno conhecimento da vontade de Deus, tal como desejou Paulo em suas orações pela igreja (Ef 1:15-23; 3:14-21; Fp 1:9-11; Cl 1:9-12).

6 – Perguntas sugeridas para discussão (em casa e no encontro PFD)

- O que nos motiva a orar?
- Por que nós oramos?



IGREJA BATISTA REFORMADA VIDA NOVA
PROGRAMA PERMANENTE DE FORMAÇÃO DE DISCÍPULOS

- Como encontrar tempo para orar?
- Qual o papel das Escrituras na oração?
- Qual a diferença entre uma oração individual e uma individualista?
- Qual a relação entre memorização e meditação das Escrituras?
- Qual o alvo da meditação?